

Santa Catarina de Sena

Virgem, Doutora da Igreja (1347-1380)

FONTE:

JOSÉ LEITE, SJ (Organização de), "*Santos de Cada Dia*" I – Janeiro, Fevereiro, Março e Abril
4ª edição revista e atualizada por António José Coelho, SJ, Editorial A.O. Braga 2003.

Lapa, a 25 de março de 1347, deu à luz duas gémeas. Estava no seu vigésimo quarto parto. Uma destas gémeas morreu logo ou quase; a sobrevivente foi chamada Catarina, o que significa "branca". Seu pai, modesto tintureiro do bairro de Fontebranda, escolheu para a última filha o nome da cor branca, símbolo de pureza. Catarina, na verdade, cresceu pura como açucena, e com uma açucena na mão a retrataram os primeiros pintores senenses.

Aos seis anos teve a primeira visão de Jesus, que a incitava a segui-Lo. Aos sete, diante de Nossa Senhora, desposou-se misticamente com Ele.

Aos doze, já os pais pensavam casá-la com um jovem de Sena, segundo o uso daqueles tempos, quando se pode dizer que as mulheres nem conheciam a meninice. Catarina, como resposta aos projetos, cortou o cabelo e cobriu a cabeça com um véu branco. Lapa tirou-lho violentamente dizendo: «Os cabelos tomarão a crescer e depressa te casarás». Catarina aceitou a perseguição familiar como prova; e resistiu. Uma noite, em sonho, S. Domingos disse-lhe que ela vestiria o hábito branco e preto das chamadas «Manteladas». Na manhã seguinte, anunciou aos pais a sua decisão firme. O pai inclinou a cabeça; tinha visto uma pomba branca voar sobre a cabeça da sua branca filha. Lapa calou-se.

Assim pôde Catarina vestir o hábito das «Manteladas»: túnica branca, cinto de couro, manto negro e véu branco. Então Jesus tornou-lhe a aparecer, mas na cruz, vertem do sangue. Desde aquele dia, a cor branca cedeu o lugar à vermelha do sangue divino. Celebrou na Cruz os místicos desposórios com Cristo vítima, prometendo dedicar a vida à conversão dos pecadores e à reforma não da Igreja, mas daqueles que formavam a Igreja visível, desde a cabeça, — isto é, do Papa, a quem ela chamava "o doce Cristo na terra" — até aos poderosos, até ao mais humilde cristão, todos responsáveis pelos sofrimentos de Jesus.

Dedicou-se às obras de misericórdia, servindo nos hospitais dos leprosos; e procurou restabelecer a paz entre as famílias discordes da cidade.

Depressa a filha do tintureiro, que era analfabeta, começou a ditar as suas palavras a vários amanuenses. "Escreve no precioso Sangue de Jesus", dizia, e naquele sangue quente e vermelho escrevia a particulares e a prelados, a pais de famílias e a magistrados; a desconhecidos e a Reis; até ao Papa, que se encontrava em Avinhão e ela chamava para Roma, excitando-o, ela mulher, a ser viril: "Ânimo, virilmente, pai! Digo-vos eu que é preciso não tremer".

A 13 de Junho de 1376, partiram com ela para Avinhão vinte e oito *caterinati* (catarinados, a corte de Catarina). Podiam contar com todas as oposições; mas ela varreu-as em poucas semanas. A 13 de Outubro, tomando Gregório XI quase pela mão, encaminhou-se para Roma com ele. Em Génova, ele quis voltar atrás, mas ela forçou-o a continuar; e morreu pouco depois de chegar. Os cardeais deram-lhe como sucessor Urbano VI, que se estabeleceu em Roma. Este chamou Catarina para junto de si. Antes de sair de Sena, ela ditou em pleno êxtase o seu famoso *Diálogo*, livro das suas doutrinas e visões que, pela beleza da língua, é um dos clássicos da prosa italiana.

Teve Catarina sempre em vista dois ideais: a pacificação da Pátria e a purificação da Igreja; a esta chamava "a grande ponte sobre o mundo", a ponte pela qual todos podiam passar da terra para o céu.

Jesus teve-a por digna de receber os estigmas da sua paixão; estigmas nela invisíveis, procurados por dores mais espirituais que materiais. Pregava a paz e suspirava por ela, mas sabia que não existe paz no mundo sem que haja primeiro paz com Deus e que seja fundada na justiça. Por isso sofreu com

todas as injustiças humanas, que procurou remediar com a infinita caridade de Jesus Cristo.

Ela mesma conta, numa sua famosíssima carta, a consolação que levou a um pobre jovem, injustamente condenado à morte; o facto está representado, em Roma, num dos magníficos painéis marmóreos recentes, ao lado da figura da Santa. Nicolò da Tuldo era jovem, era são, sobretudo era inocente e não queria morrer. Catarina confortou-o e convenceu-o a entregar a vida à justiça infinita de Deus.

Chegado o dia da execução, ele veio, contou a Santa, "como cordeiro manso; e vendo-me começou a rir-se; e quis que eu lhe fizesse o sinal da Cruz. Recebendo ele o sinal, disse eu: `Coragem, para as núpcias, irmão meu amado! Que depressa estarás na vida duradoira'. Inclinou-se com grande mansidão; e eu estendi-lhe o pescoço, e inclinei-me a recordar-lhe o sangue do Cordeiro. A sua boca só dizia Jesus e Catarina. E dizendo ele assim, recebi a cabeça nas minhas mãos, fixando os olhos na divina bondade, e dizendo: — Eu quero".

Que é que queria? A intrépida mulher senense queria que a injustiça do mundo fosse compensada abundantemente pela infinita justiça de Deus.

A morte da Santa não aconteceu tão serenamente. A última palavra que disse foi "Sangue, sangue, sangue". Sangue do Redentor, que tornava mais branca ainda a alma de Catarina. Era a 29 de Abril de 1380. Catarina tinha apenas 33 anos; a mesma idade do seu Esposo no Calvário.

Foi proclamada Santa 80 anos depois, por Pio II. Pio XI, em 1939, deu à Itália por protetora Catarina de Sena, juntamente com S. Francisco de Assis, a mulher forte ao lado do homem caritativo. E, a 4 de outubro de 1980, Paulo VI proclamou-a Doutora da Igreja; uma semana antes fizera o mesmo com Santa Teresa de Jesus. Precedentemente não havia na Igreja senão Doutores, não Doutoradas. Em 1997, veio juntar-se-lhes Santa Teresa do Menino Jesus, proclamada Doutora da Igreja pelo papa João Paulo II.

*** **